

# ENSAIO SOBRE ÉTICA E A BIOTECNOCIÊNCIA

## ESSAY ON ETHICS AND BIOTECHNOSCIENCE

Márcio Niemeyer-Guimarães<sup>✉1</sup>; João Cardoso de Castro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Docente do curso de Medicina do Unifeso; <sup>2</sup> Coordenador de Extensão do Unifeso (DPPE)

### Resumo

Este trabalho procurou delinear alguns aspectos da ética em sua confrontação com o domínio planetário da técnica. Procuramos estabelecer um olhar filosófico sobre o tema, primeiramente, colocando o leitor na frequência do filosofar. Tendo como ponto de partida a sentença escandalosa de Martin Heidegger - *a ciência não pensa* - enfatizamos a importância da bioética enquanto dimensão de pensamento e proteção ante o avanço da biotecnociências no cuidado em saúde.

**Palavras-chave:** bioética; biotecnociência; cuidado em saúde; Heidegger.

### Abstract

This work sought to outline some aspects of ethics in their confrontation with the planetary domain of technique. We try to establish a philosophical look on the subject, first, placing the reader in the frequency of philosophizing. Based on Martin Heidegger's scandalous sentence - *science does not think* - we emphasize the importance of bioethics as a dimension of thought and protection in the face of the advancement of biotechnologies in health care.

**Keywords:** bioethics; biotechnoscience; healthcare, Heidegger

### INTRODUÇÃO

A discussão sobre a ética e a natureza humana ganha contornos relevantes no contexto atual, no qual o desenvolvimento biotecnocientífico – criação de (bio)tecnologias resultantes do aprimoramento da técnica e evolução da ciência – possibilita a atuação do homem diretamente em sua estrutura corporal e mental. Isto ocorre não somente para fins de controle das doenças, a busca pela cura e/ou na cessação do sofrimento e prevenção de enfermidades, mas também na investida ao aperfeiçoamento, o que talvez seja uma tentativa de atingir a perfeição, distanciando cada vez mais a morte do seu processo natural.

Segundo Schramm<sup>1</sup>, as biotecnologias intervem sobre a vida das pessoas humanas e podem afetar de maneira substantiva sua qualidade. Dessa forma, pode-se dizer que “a biotecnociência visa entender e transformar os seres e os

processos vivos, de acordo com suas necessidades e os desejos de saúde, com a proposta de favorecer a qualidade de vida ao ampliar o bem-estar de indivíduos e populações”<sup>1</sup>. No entanto, permanece fundamental a questão: onde se assenta tamanho otimismo sobre a ciência e a técnica? E como discutir seu domínio sobre todas as dimensões da experiência humana? Este pequeno ensaio pretende debruçar, de maneira sucinta, sobre aspectos destas questões.

### ... A CIÊNCIA NÃO PENSA!

Todo o progresso tecnocientífico na biomedicina, desde o desempenho das indústrias farmacêuticas, a capacidade da telemedicina, os recursos dos dispositivos artificiais invasivos (ou não) para monitorar e manter a vida são, indubitavelmente, avanços tecnológicos que trouxeram benefícios ao promover cuidado numa dimensão antes impensável. Não se propõe aqui discutir o eventual valor/prejuízo agregado, ao

ser indicado de forma apropriada/inapropriada em qualquer estágio de doença ou mesmo denunciar o equívoco de certas intervenções tecnológicas no cuidado em saúde. Mas o fato de que seu emprego permanece indiscriminado, impensado: ainda não somos capazes de refletir sobre o avanço da ciência e da técnica sobre a experiência humana, mais especificamente o cuidado. Cabe ressaltar que este empreendimento, de natureza filosófica, não busca soluções para o imbróglio. Não se trata de produzir um manual da relação que devemos estabelecer com os recursos tecnológicos, mas tão somente pensar suas múltiplas facetas, seu modus operandi, de maneira circular. A circularidade do filosofar, que Heidegger, apontou de maneira brilhante, não está à procura de soluções para as questões da técnica. Esta longa citação de Heidegger nos coloca na frequência do "pensar":

*"[...] nos movimentamos aqui constantemente em círculo. Este é o sinal de que nos movimentamos no âmbito da filosofia. Por toda parte um andar em círculos. Este movimentar-se em círculos característico da filosofia é uma vez mais algo contrário ao entendimento vulgar. Este só quer realmente chegar até a sua meta, de modo a possuir as coisas e a manipulá-las. Caminhar em círculos com isto não se vai a lugar algum. Mas antes de tudo este movimento dá vertigem, e a vertigem é pavorosa. Sentimo-nos aí como se estivéssemos dependurados no nada. Daí o não a este movimento circular, assim como a exclamação: nada de círculo! É isto que diz ao menos uma regra da lógica universal. Neste sentido, tem de ser a ambição de uma filosofia científica prosseguir sem este círculo. Mas - quem nunca foi tomado pela vertigem em meio a uma pergunta filosófica ainda não chegou efetivamente a perguntar de maneira filosofante: nunca andou ainda em círculos. Em meio a este movimento circular, o decisivo não é a única coisa que o entendimento vulgar consegue ver, o andar ao longo da periferia e o retomar à mesma posição na periferia, mas sim o olhar para o interior do centro enquanto tal que é possível no curso circular e somente nele.*

*Este enquanto tal só se revela em meio ao girar em torno dele. Desta feita, todas as tentativas de alijar argumentativamente a circularidade da filosofia conduzem para fora da filosofia; e todas as objeções que trabalham com o argumento de que a consideração é circular já demonstram que não são absolutamente objeções filosofantes e que, portanto, não dizem nada diante da filosofia. [...] O entendimento vulgar só consegue ver e apreender o que se encontra na frente de seus olhos. Assim, ele quer sempre prosseguir em linha reta, passando da coisa mais*

*próxima a que lhe é imediatamente posterior. As pessoas chamam isto de progresso. No interior de um movimento circular, o entendimento vulgar também só vê à sua maneira: ele se movimenta em uma linha circular e toma o andar por sobre o círculo como um andar em frente, até que de repente se depara com o retomo ao ponto de partida. Neste momento, ele fica, então, parado em aporia porque não há aí nenhum progresso. Mas porque o progresso é o critério de apreensão próprio ao entendimento vulgar, todo e qualquer curso circular é desde o princípio uma objeção, um sinal de impossibilidade. O fatídico é que mesmo na filosofia se opera com este argumento do movimento circular. Este argumento é o sinal da tendência de rebaixar a filosofia ao nível do entendimento vulgar. O movimento circular próprio à filosofia não encontra o seu elemento essencial no fato de andar ao longo de uma periferia e de retomar à posição inicial. Ao contrário, ele o encontra no olhar para o centro, que só é possível no curso circular." 2*

Tomado o rumo de nossa investigação, ou melhor, o "clima" de nossa reflexão, fato é que, entendemos que o otimismo exacerbado sobre os avanços da biotecnociência seja um desca-minho causado, majoritariamente, por uma euforia sempre crescente sobre um suposto protagonismo da ciência e da técnica para a excelência da vida humana, afinal, como afirmou Michio Kaku, em vídeo viral na internet: "a ciência é o motor da prosperidade"<sup>2</sup>. A alegação, tão cara ao senso-comum, raramente deixa de vir acompanhada por algumas conquistas como a máquina a vapor, eletricidade, o laser, o transistor, o computador. "Tudo funciona", como dito pelo interlocutor de Martin Heidegger em sua famosa entrevista ao periódico alemão Der Spiegel, em 1966: "mais e mais usinas elétricas estão sendo construídas. A produção está florescendo. As pessoas nas partes altamente tecnológicas da Terra estão bem providas. Vivemos em prosperidade. O que realmente está faltando aqui?"<sup>3</sup>.

Na esteira deste olhar míope sobre os desdobramentos da relação cada vez mais técnica que estabelecemos com tudo que nos cerca, não resta outra senão imputar, com intensidade cada vez maior, o "espírito" técnico-científico à formação humana. Neste sentido, qualquer sistema educacional que não priorize o "olhar" científico sobre todos os fenômenos, tende a ser "menor". É impossível discorrer, no espaço deste ensaio, sobre todas as dimensões desta constatação. Por este motivo nos debruçaremos sobre

uma somente: o entendimento de que a tecnocracia é o vértice da evolução intelectual do homem. Com o intuito de lançar alguma luz sobre o tema e, dado o espaço enxuto de que dispomos aqui, nos deteremos brevemente sobre três aspectos, somente: de onde a ciência vem e a quem ela obedece e como opera.

A ciência é uma criação da Modernidade. Esse fato é relevante. Não existia ciência entre os gregos, nem na Idade Média, portanto, ciência não é episteme e também não é scientia. Trata-se de um “modo” de operar intimamente relacionado ao homem “moderno”. Embora seja “filha” de personagens formidáveis que, na aurora do Renascimento e do Iluminismo, ingenuamente buscavam a emancipação e a felicidade dos homens, não demorou muito para que o “espírito” científico emergente fosse absorvido pelo jogo de interesses do mercado e, hoje, seja um instrumento decisivo para empresas e laboratórios científicos, afinal, é preciso aumentar a produtividade e desenvolver saberes que atendam aos anseios das grandes corporações em sua tríade maldita: desejo, consumo, felicidade. Já não existe um propósito comum. Não sabemos para onde vamos, pois o processo não passa de um mecanismo produzido pela e para a competição. Luc Ferry<sup>4</sup>, filósofo francês, é certo quando, ao se referir à ciência, nos dias de hoje, afirma que não se trata de uma busca desinteressada pelo saber, nascida da (boa) consciência de homens em torno de um projeto visando o bem-estar da res publica, etimologicamente, “negócio” ou “causa comum”. Este horizonte virtuoso, se assim podemos dizer, há muito se dissipou e sabemos bem o que “tomou” o seu lugar.

*[...] o progresso não tem outro fim além de si mesmo, ele não visa a nada além de se manter no páreo com outros concorrentes. Daí o formidável e incessante desenvolvimento da técnica preso ao crescimento econômico e largamente financiado por ele. Daí também o fato de que o aumento do poder dos homens sobre o mundo tornou-se um processo absolutamente automático, incontrolável e até mesmo cego, já que ultrapassa as vontades individuais conscientes.*

*É simplesmente o resultado inevitável da competição. Nesse ponto, contrariamente às Luzes e à filosofia do século XVIII que, como vimos, visavam à emancipação e à felicidade dos homens, a técnica é realmente um processo sem propósito, desprovido de qualquer espécie de objetivo definido: na pior*

*das hipóteses, ninguém mais sabe para onde o mundo nos leva, pois ele é mecanicamente produzido pela competição e não é de modo algum dirigido pela consciência dos homens agrupados coletivamente em torno de um projeto, no seio de uma sociedade que, ainda no século passado, podia se chamar res publica, república: etimologicamente, “negócio” ou “causa comum”.*

*Temos aqui, portanto, o essencial: no mundo da técnica, ou seja, a partir de agora, no mundo todo, já que a técnica é um fenômeno sem limites, planetário, não se trata mais de dominar a natureza ou a sociedade para ser livre e mais feliz. Por quê? Por nada, justamente, ou antes, porque é simplesmente impossível agir de modo diferente devido à natureza de sociedades animadas integralmente pela competição, pela obrigação absoluta de 'progredir ou perecer'”.*<sup>4</sup>

Estes apontamentos não devem ser entendidos como uma “demonização da ciência”, suas origens ou coisa do gênero. É evidente que seus avanços devem ser motivo de orgulho. Mas é prudente denunciar a “contaminação” do projeto científico e, sobretudo, seu caráter de violência e dominação da natureza e dos homens. Já não estamos mais ao controle. Reverenciar este projeto é abandonar a possibilidade de uma reflexão essencial sobre o seu *modus operandi*. É marchar, cego e surdo, junto ao projeto terrivelmente intervencionista da ciência. Devemos ter em conta, sempre, a escandalosa sentença de Heidegger: “a ciência não pensa!”. De outra maneira, enfeitiçados pelos avanços da tecnocracia, restará, de fato, progredir e perecer.

Para além destas constatações, nunca é demais ressaltar que se trata também de um sistema de conhecimento extremamente totalitário, como acusa Boaventura<sup>5</sup>:

*“O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não-científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras*

*e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluem, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos).*

*Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas."*

Para além do "totalitarismo" com que vigia suas "fronteiras", trata-se, também de um desvelamento "regional" dos fenômenos. Kant, já no vértice do Iluminismo, apontava para o caráter *amputado* do olhar científico. Em um notável trecho de seu clássico - *Crítica da Razão Pura* -, Kant expõe com toda clareza o paradigma sobre o qual se assenta a abordagem dita "científica". Mesmo calcada na razão "moderna" e seus modelos de mensuração, capazes de enxergar apenas uma "região" do fenômeno, a ciência é hoje língua franca, determinando toda produção de conhecimento e modo de "ser" humano.

Para Kant, quando Galileu fez rolar esferas num plano inclinado, com uma aceleração que ele próprio escolhera ou quando Torricelli fez suportar pelo ar um peso, que antecipadamente sabia idêntico ao peso conhecido de uma coluna de água, ficou claro à todos que a "razão" só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos, "que ela tem que tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta"<sup>6</sup> mas "não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta"<sup>6</sup>. Heidegger denunciou este *modus operandi* ao afirmar que

*"Toda ciência repousa sobre proposições relativas à região do ente no interior da qual a respectiva pesquisa se mantém e se movimenta. Essas proposições sobre o ente, sobre o que é e como é, proposições que delimitam e estabelecem a área, são proposições metafísicas [interpretativas]. Elas não apenas não podem ser comprovadas com os conceitos e as provas oriundas das respectivas ciências, mas não podem nem mesmo ser pensadas de maneira apropriada por meio daí".<sup>7</sup>*

*Julian Savulescu e Ingmar Persson*<sup>8</sup> alertam sobre as deficiências moral e psicológica que têm acometido os homens, paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, e sobre quanto tal carência moral tem impedido as instituições políticas de atuarem de forma efetiva e coerente. Por isso, algumas sociedades, preocupadas com a falta de motivação moral, têm proposto uma renovação para uma *educação moral*. Avaliam que seria possível buscar um aprimoramento moral (*moral enhancement*) através de recursos biomédicos como aqueles fornecidos pela neurobiologia e a engenharia genética, considerando as poucas objeções filosóficas e/ou morais cogentes contra o 'biomelhoramento humano', que pode interferir no processo de aprendizagem, numa proposta de complementar o modelo tradicional da educação moral.<sup>8</sup>

O possível uso inadequado que poderá ser feito de alguma tecnologia não deverá ser suficiente para conter o seu desenvolvimento – e neste sentido, se a (bio)Ética, em sua dimensão normativa, não for suficiente para conter estas intervenções descabidas, caberia ao Direito atuar nestas circunstâncias. Os atuais interesses econômicos e geopolíticos têm direcionado a pesquisa científica, aprimorando equipamentos extremamente novos, por exemplo, para a radioterapia específica, para as cirurgias por radiofrequência, para o incentivo à medicalização, como quimioterápicos, terapias cardiovasculares e imunobiológicos. Daí o binômio biopolítica/biopoder atuando junto à biotecnociência dentro do campo da saúde, promovendo mudanças até mesmo na natureza humana, quando interferem e reprogramam sistemas e processos naturais (assumindo-se os riscos envolvidos), sendo estas estratégias de ações e possibilidades de recursos correspondentes aos dispositivos biopolíticos e de biopoder.<sup>9</sup>

Para os que consideram o caminho rumo ao *enhancement* favorável e desejável, há uma perspectiva *transumanista*, isto é, ao ampliar a capacidade do homem de superar suas restrições e dificuldades biológicas, modificando na forma e no tempo suas possibilidades e habilidades do viver, curando-se ou não dos males e das doenças; mas na posição oposta, o *bioconservadorismo*, não interferindo diretamente nos processos naturais vitais do corpo humano, que mantém a preocupação deste avanço com que a biotecnociência se desenvolve e também pela incapacidade dos valores morais e éticos de

acompanharem lado-a-lado tal desenvolvimento. Ao se assumir uma posição ética *utilitarista*, doutrina consequencialista que prescreve o ato [ou a ausência dele] para otimizar a maior quantidade de bem-estar do conjunto de seres sencientes envolvidos, os benefícios concretos e possíveis justificariam o enfrentamento dos possíveis riscos, e a biotecnociência seria um recurso cujas motivações e propósitos aos quais se aplicam podem e devem ser discutidos e valorados, podendo ser boa ou ruim, positiva ou negativa; risco inerente à modernidade, ao liberalismo, à industrialização e à perda da crença e de valores culturais.<sup>10</sup>

Fato é que, à luz da bioética, existe a possibilidade de um retorno ao ideal filosófico da *episteme*, ou seja, sem qualquer crítica ou demérito à ação do filho pródigo da razão moderna, a ciência moderna, já é hora que este filho retorne à casa paterna, o *logos*, enquanto somos "vivos possuidores de logos" (*zoon logon echon*), e assim seja recebido com a reflexão que lhe é devida, que, ao mesmo tempo, perdoa seu distanciamento, acolhe seu retorno e examina seu comportamento. O emprego consciente do saber científico e dos métodos de conhecimento em prol do bem-estar físico, mental e social, poderia convergir com os almejados princípios éticos de *beneficência, não-maleficência, equidade, precaução, responsabilidade, justiça e proteção*, ou seja, considerar a biotecnociência como um potencial positivo para a saúde e, desta forma, para a qualidade de vida. Enfim, não se deve cercear o progresso científico, mas **será indispensável a observância dos melhores valores para a pessoa**, com destaque para a dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

- Schramm, F R. Existem boas razões para se temer a biotecnociência? *Revista Bioethikos*, v.4, n. 2, p. 189–197, 2010.
- Heidegger, M. Os conceitos fundamentais da Metafísica. Mundo – Finitude – Solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 232-242.
- Sheehan, T. Heidegger: the man and the thinker. Chicago: Precedent Publishing, 1981. Nossa tradução.
- Ferry, L. Aprender a Viver: Filosofia para Novos Tempos. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- Santos, B S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estud. av.* [online]. 1988, vol.2, n.2 [cited 2020-09-26], pp. 46-71. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>.
- Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. Tr. Manuela Pinto dos Santos & Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste, 2001. p.18.
- Heidegger, M. *Nietzsche (volume único)*. Tr. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 365-366
- Savulescu, J.; Persson, I. Human Enhancement: Moral Enhancement. *Philosophy Now – a magazine of ideas*, n. 91, 2012. Disponível em: [http://philosophynow.org/issues/91/Moral\\_Enhancement](http://philosophynow.org/issues/91/Moral_Enhancement). Acesso em 17 agosto 2020.
- Barboza, H H. Bioética x Biodireito: insuficiência dos conceitos jurídicos. In: Barboza, H H; Barreto, V. *Temas de Bioética e Biodireito*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- Marcondes, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.